

ARTIGO

Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia.

From the object body to the lived body: approximations between selfmutilation and phenomenology.

Carlos Eduardo Soares Reis

RESUMO

Há um crescimento das investigações acerca da automutilação caracterizada por lesões deliberadas no próprio corpo sem intenção de morte. Por meio de um levantamento bibliográfico de artigos situados no período de 2000 a 2018, nota-se que no Brasil a maioria dos estudos encontrados na literatura científica apontam para uma interpretação técnico/objetiva sobre o assunto, pautada no saber médico psiquiátrico. No presente estudo teórico de caráter qualitativo discute-se que essa concepção tecnicista reflete a percepção do corpo na contemporaneidade, visto como um objeto produtor de capital e passível de intervenções, insinuando uma possível herança do pensamento cartesiano do corpo-máquina. Sendo assim, o propósito do corrente estudo é realizar paralelos com a concepção fenomenológica de corpo de Merleau-Ponty com a automutilação. Assim, sugere-se que o tratamento do corpo como objeto pode favorecer uma desvalorização e distanciamento do mesmo na medida em que é visto como uma “*res extensa*” e mercadoria no cenário capitalista atual, podendo isso servir de “terreno” para o desencadeamento das lesões auto infligidas. O presente trabalho se divide em um tópico sobre o panorama histórico do corpo, na exposição dos estudos coletados sobre a automutilação e a contribuição de Merleau-Ponty para a compreensão de um corpo vivido que fomenta o ponto central desse trabalho. Diante do exposto, entende-se que há a necessidade de mais pesquisas que contribuam para a compreensão do tema em um viés fenomenológico.

Palavras-chave: Automutilação; Corporeidade; Fenomenologia.

ABSTRACT

There is a growing body of research on self-mutilation characterized by deliberate injury to one's own body without the intention of death. Through a bibliographical survey of articles from 2000 to 2018, it is noted that in Brazil most of the studies found in the scientific literature point to a technical / objective interpretation on the subject, based on the psychiatric medical knowledge. In the present qualitative theoretical study, it is argued that this technicist conception reflects the perception of the body in the contemporary world, seen as an object that produces capital and is amenable to interventions, insinuating a possible inheritance of Cartesian thinking of the body-machine. Thus, the purpose of the current study is to parallel the phenomenological conception of Merleau-Ponty's body with self-mutilation. Thus, it is suggested that the treatment of the body as an object may favor a devaluation and distancing of the same insofar as it is seen as a *res extensa* and commodity in the current capitalist scenario, which may serve as a "ground" for the triggering of autolesions inflicted. The present work is divided in a topic about the historical panorama of the body, in the exposition of the collected studies on self-mutilation and the contribution of Merleau-Ponty to the understanding of a lived body that foment the central point of this work. In view of the above, it is understood that there is a

need for more research that contributes to the understanding of the theme in a phenomenological bias.

Keywords: Self-mutilation; Corporeity; Phenomenology.

INTRODUÇÃO

A automutilação se refere ao comportamento de gerar em si mesmo ferimentos, leves ou moderados, de forma deliberada, mas sem intenção suicida (KAPLAN, SADOCK & GREBB, 1997 *apud* CALDAS et al. 2009; ARCOVERDE & SOARES, 2012). Esse fenômeno vem ganhando grande destaque nos últimos anos por meio de diferentes veículos de divulgação como noticiários, palestras, discussões em eventos e artigos científicos (LAURO NETO, 2014).

Dentro da produção literária do século XXI, no que concerne aos manuscritos científicos publicados em periódicos nacionais de renome, é possível encontrar alguns relatos de casos clínicos a respeito dessa temática tais como os de Nucci e Dalgalarondo (2000), Diniz e Krelling (2006), Goi e Scharlau (2007), Teixeira, Meneguette e Dalgalarondo (2012), o que ilustra a importância da discussão do tema.

No que diz respeito a isso, Favazza e Conterio (1988) consideram que a automutilação é um fenômeno mais comum do que se imagina, no qual pode chegar a uma proporção de 750 indivíduos acometidos a cada 100.000 pessoas. Em seus estudos, tal condição tem seu início predominante na adolescência podendo se desenvolver e gerar sérios danos psicossociais.

Apesar do alto risco que essa condição representa, pode-se notar uma escassez da literatura científica sobre o tema. Isso se dá, primordialmente, como afirmam Thyssen e Camp (2014), por este fenômeno ser considerado um tabu. Ainda para essas autoras, as pessoas que se auto lesionam dificilmente procuram ajuda profissional e, quando procuram, omitem que os ferimentos foram auto infligidos, o que gera ausência de dados sobre a situação ou são classificados de forma equivocada como tentativas de suicídio. A principal distinção da finalidade última entre suicídio e automutilação pode ser esclarecida por Cedaro e Nascimento (2013, p. 206) quando afirmam que: *“Uma pessoa que tenta suicídio procura acabar com todos os sentimentos, mas uma pessoa que se mutila procura se sentir melhor”*.

Diante da complexidade do assunto, se tem por objetivo, primeiramente, verificar a como a produção literária brasileira tem abordado o tema. Em um segundo momento, se faz uma reflexão acerca do comportamento de automutilação como um fenômeno que encontra “terreno” para se manifestar de forma mais acentuada na contemporaneidade. Por meio dessas observações, se pretende empreender uma possível aproximação acerca do tema supracitado com base no pensamento de Merleau-Ponty (1999) acerca da ideia de corpo próprio que enxerga o corpo não

apenas como uma entidade substancializada, porém como um corpo que experiencia o mundo não estando apartado deste.

Para tanto, realizou-se uma pesquisa nas bases de dados SciELO e LILACS com os seguintes descritores: Automutilação, autoagressão e autolesão. Fez-se necessário pesquisar com três descritores diferentes devido a Thyssen e Camp (2014) defenderem que não há consenso sobre as terminologias e palavras-chave acerca dessa temática. Seguindo esse pensamento, foram encontrados ao todo 108 artigos no período de 2000 a 2018. Respeitando os seguintes critérios de inclusão, a saber, artigos científicos com disponibilidade de texto completo, situados no período de 2000 a 2018, com o idioma português e realizados no Brasil, atingiu-se o número de 25 pesquisas e após a leitura dos resumos foram selecionados 12 trabalhos que correspondiam as exigências e que não consideravam a automutilação como uma tentativa de suicídio. Consequentemente, foram descartadas teses, dissertações, artigos em outros idiomas, trabalhos repetidos e de outras áreas, como por exemplo, as ciências agrárias.

O presente trabalho se divide em um tópico sobre o panorama histórico do corpo, na exposição dos estudos coletados sobre a automutilação e a contribuição de Merleau-Ponty para a compreensão de um corpo vivido que fomenta o ponto central desse trabalho.

PERCURSO HISTÓRICO SOBRE O CORPO

O modo de entender o corpo está diretamente relacionado à época em que ele se insere, fazendo da história um pilar de estudo fundamental para a sua compreensão. Isso se torna evidente no estudo de Costa (2011), que demonstra como o corpo era visto desde a pré-história até a atualidade. No seu escrito se percebe como no início da evolução do homem o corpo era um instrumento de relação com o mundo. O homem pré-histórico, destituído de toda ciência e conceitos, vivia seu cotidiano na busca por sobrevivência, sem um protocolo a ser seguido ou uma maneira de ser pré-estabelecida.

Na vivência diária, o corpo pré-histórico se movimentava para encontrar meios que lhe dessem mais condições adaptativas diante de um ambiente desconhecido. O corpo se tornava, assim, um cúmplice nessa luta constante de descobertas inéditas. Por isso, para Costa (2011) o homem da pré-história mantinha uma relação íntima com seu corpo, no qual se pode implicar na inexistência de qualquer cisão que o considerasse dividido em uma parte material e imaterial.

Na Antiguidade essa visão foi modificada. O homem não era mais aprendiz instintivo do seu mundo. Principalmente na Grécia antiga, o homem busca uma nova maneira de pensar que se afasta dos mitos e se aproxima da Filosofia-científica

(MARCONDES, 2010). Com isso, o corpo também se modifica passando a ser foco de discussões, contemplando diferentes perspectivas. Casemiro, Galdino e Sá (2012) apontam que Platão via o corpo como a “casca” da alma, iniciando a dualidade psicofísica. A visão desse filósofo obedecia a uma dicotomia onde existiam dois mundos, o sensível e suprassensível. Esses dois planos correspondiam, respectivamente, às coisas materiais e passageiras como corpo e o outro, o plano das ideias, eterno e atingível apenas pela alma (PRADO, CALDAS & QUEIROZ, 2012).

De forma semelhante, Costa (2011) diz que na Antiguidade alguns povos asiáticos consideravam o corpo como uma barreira para a transcendência do espírito. Os hindus ornamentavam-se para demonstrar socialmente que seu espírito era nobre, assim como os egípcios cuidavam com afinco do corpo no momento da morte, pois acreditavam que este se tornaria o guardião da alma. Por outro lado, para Sócrates e Aristóteles, o corpo não poderia ser desprivilegiado a ponto de ser considerado apenas como o receptáculo da alma, pois ambos acreditavam que para manter um bom intelecto era necessário manter o corpo saudável e forte, incentivando a prática de exercícios físicos (CASEMIRO et al., 2012).

Nota-se a preocupação com o corpo, segundo Barbosa, Matos e Costa (2011), na Grécia antiga onde a estrutura corpórea era venerada como algo a ser construído e moldado simetricamente conforme se observa nas esculturas e nos jogos olímpicos. É notório o contraste das diferentes formas de ver e lidar com o corpo na antiguidade, pois enquanto alguns buscavam manter uma relação mais estreita com o mesmo, outros o renegavam em detrimento da alma.

Na Idade Média, o afastamento do homem com relação ao seu corpo se fez ainda mais manifesto. Com a hegemonia da igreja católica a alma passou a ter lugar de destaque afirmando o caráter inferior do corpo. De forma coercitiva, a igreja impedia tanto os homens quanto às mulheres de vivenciarem seu corpo, visto como algo pecaminoso que desviava a boa conduta da alma (CASEMIRO et al., 2012).

Com isso, algumas práticas gregas que cultuavam o corpo foram esquecidas, silenciando os desejos e as manifestações corporais. Assim, para se desviar do pecado e retomar ao caminho considerado correto, Dantas (2005) como citado em Casemiro et al. (2012, p. 73), salientam que *“o jejum, a abstinência e as autoflagelações eram práticas comuns, cujo objetivo principal era a purificação da alma, sendo que qualquer manifestação corporal, fora dos preceitos da Igreja, era considerada pecado e degradação da alma”*.

Em vista disso, a relação com o corpo foi domesticada por uma barreira moral da instituição cristã que, com o tempo e os movimentos sociais (Iluminismo, ascensão da burguesia, por exemplo), foi enfraquecendo e dando lugar à Modernidade. O corpo que era visto como pecaminoso foi tomando moldes de um corpo-máquina passível de um estudo racional-científico que teve em René Descartes seu maior

expoente (BARBOSA et al., 2011). De acordo com Castro, Andrade e Muller (2006), Descartes acreditava que a mente, o pensar, o intelecto, era algo fundamental na existência da pessoa, o que a faria conhecer o mundo. Já o corpo era visto como uma máquina que poderia ser mensurada, testada e verificada sistematicamente pela medicina.

Essa visão que ascendia na modernidade passou a controlar o corpo não mais pela moral cristã e pelo temor ao inferno ou as punições da inquisição, mas como afirmam Barbosa et al. (2011, p. 28) *“o corpo passa a servir a razão”*. Com o racionalismo cartesiano, as ciências proporcionaram grande avanço tecnológico atrelado à expansão do mercado burguês até a emergência do capitalismo, onde o corpo é percebido como objeto de produção, capaz de trabalhar e gerar lucro. Se outrora o mundo era explicado segundo o cristianismo, agora era explicada pela física, biologia e matemática (CASEMIRO et al., 2012).

A Revolução Industrial foi outro marco que tornou o corpo como uma máquina de trabalho. No feudalismo, o trabalho era basicamente orientado para subsistência e com a revolução se tornou trabalho técnico em série, necessitando de um corpo que se adaptasse a essa nova demanda (BARBOSA et al., 2011). Isso faz refletir que a maior máquina de produção da época industrial já inventada não foi a de vapor ou a de fiar e sim o corpo humano em sua capacidade adaptativa.

Destarte, a contemporaneidade é herdeira dessa formação econômica e desse jeito de conceber o corpo. O corpo produtor da modernidade burguesa-industrial ganha contornos de corpo-mercadoria, com a massificação das informações e sua velocidade de compartilhamento o corpo ficou em evidência, se tornando objeto de desejo a ser consumido (CASEMIRO et al., 2012). Consoante a isso, Dantas (2011) corrobora que na sociedade atual, com o conhecimento a respeito do funcionamento corporal atrelado aos avanços da biotecnologia e ao padrão cultural, passou a adotar uma possibilidade de controle sobre o corpo, considerando-o como objeto.

Os avanços da modernidade que compreendiam o corpo como máquina trouxeram a ideia pós-moderna de domínio sobre o mesmo. Para alimentar o mercado capitalista que se expande tornou-se crucial a necessidade de consumo veiculada principalmente pela mídia. Na contemporaneidade, criam-se os padrões de beleza ou de saúde que são rapidamente conhecidos e espalhados pelo mundo por meio do crescente avanço tecnológico (BARBOSA et al., 2011).

De acordo com isso, Turner (1992) citado em Barbosa et al. (2011, p. 30) afirma que: *“Nesta sociedade de consumo o corpo é, por um lado objeto de idealização, mas por outro potencial alvo de estigmatização, caso não corresponda aos padrões expressos na própria publicidade”*. O corpo na atualidade é visto como um corpo contraditório, pois se por um lado há uma tendência a sua valorização, ao seu cuidado, por outro existe o peso das demandas sociais que criam padrões a serem seguidos.

Com isso, Casemiro et al. (2012) indicam que essa ideia provoca um distanciamento do “meu corpo” para um corpo que é vendido pela mídia como o correto, estimulando uma busca incessante e potencialmente perigosa para alcançar esse padrão social para ter o sentimento de pertencimento e não de exclusão. Em concordância a isso, Dantas (2011, p. 903-4) reitera que:

[...] medicalizamos e tratamos o corpo por uma não aceitação do mesmo enquanto um processo natural de contínua mudança. Nos rendemos aos modismos tornando o corpo objeto e esquecemos seu caráter temporal e histórico [...] descoberto pelo olhar contemporâneo, o corpo vem sendo objeto de uma incansável interrogação [...]

Dessa maneira, com os estudos apresentados se percebe que na Antiguidade ainda havia uma ligação íntima com o corpo e Platão iniciou um afastamento dessa relação para uma concepção em que o sujeito domina o objeto. Por vezes, como na Idade Média, afastou-se de uma vivência singular do corpo, dado que existia uma obstrução moral coerciva que estimulava esse distanciamento em detrimento da alma. Na modernidade, a alma perdeu seu apanágio e deu lugar para o racionalismo. O pensar era o foco central da existência e o corpo uma máquina a ser estudada.

Outros aspectos como as emoções e sensações não eram objetos das ciências da natureza. Essa modernidade provocou avanços tecnológicos e gerou abertura para criação de máquinas que desenvolveram a indústria e desenvolveram o capitalismo. Essa máquina que era o corpo não só foi objeto de estudo como também objeto de produção de lucro. E isso se perpetuou na contemporaneidade, porém com outro detalhe: o corpo produtor passou a ser um corpo consumidor. Todos os avanços tecnológicos mais a divulgação midiática, grande mola capitalista, contribui para disseminação de um corpo mercadoria, o que faz a pessoa sair da sua vivência corporal idiossincrática, pessoal e singular, em detrimento de um protótipo vendido e socialmente aceito.

AUTOMUTILAÇÃO

A automutilação é conceituada como o comportamento consciente e intencional de machucar a si mesmo sem intenção de ceifar a própria vida (FORTES e MACÊDO, 2017). Como consta na revisão de literatura realizada, o comportamento de automutilação nas pesquisas brasileiras está intimamente ligado aos transtornos mentais, principalmente no que concerne à esquizofrenia. Entre os estudos encontrados, Nucci e Dalgalarondo (2000) relatam seis casos de pacientes do sexo masculino que sofriam com quadros delirantes, sendo cinco deles apresentando conteúdo místico/religioso que aparentemente influenciava os comportamentos mutilatórios. Nesses casos se observa que o período da manifestação do transtorno começou entre a adolescência e o início da vida adulta, ocorrendo um intervalo de

tempo relativamente longo para as autolesões graves de enucleação ocular ocorrerem.

Em estudo semelhante com paciente diagnosticado com esquizofrenia paranóide, Lima et al. (2005) aponta um caso de autocastração motivado por delírios de grandeza envolvendo questões religiosas. Nesse relato, a pessoa com transtorno mental em questão amputou o próprio pênis como uma forma de sacrifício para evitar que acontecimentos piores ocorressem.

Na literatura proposta, esse não foi o único caso de autocastração encontrado. Texeira, Meneguette e Dalgalarondo (2012) explanam sobre um matricídio seguido de canibalismo realizado por uma pessoa com esquizofrenia paranóide que, posteriormente a tais atos, arranca seu pênis e mão. O paciente acreditava que o *“satanás havia possuído o corpo de sua mãe com a intenção de matá-lo e destruir o mundo. Para que ela ressuscitasse, teria de comer sua cabeça e seus pés”* (TEXEIRA et al., 2012, p. 187).

Diniz e Krelling (2006) confirmam mais uma vez a inclinação de pacientes com esquizofrenia paranóide em manifestar comportamento auto-mutilatórios. Em seu estudo de caso, explicitam uma pessoa que, após receber vozes de comando do “diabo”, tende repetitivamente a morder mãos e lábios sem intenção suicida. Evidencia-se, nos casos até aqui expostos, uma forte influência de temas e discursos religiosos e a associação da autolesão deliberada com uma classificação diagnóstica.

Diante da semelhança das pesquisas já reportadas, um estudo encontrado difere dos demais no quesito do conteúdo delirante. Goi e Scharlau (2007) se referem à síndrome de *“Ekbohm”* como caracteriza por delírios de parasitas invasores que se apoderam do corpo da pessoa alucinada. Nesse caso, o paciente se utilizava de uma lâmina para retirar esses parasitas de seu corpo, mutilando toda sua região perineal. Nesse estudo, pode-se captar a importância da família ou de uma rede de apoio que propicie a continuidade do tratamento medicamentoso, situação que não se deu neste caso.

Além da correlação feita entre transtorno mental, em especial a esquizofrenia paranóide, e a automutilação, Caldas et al. (2009) trazem em seu estudo uma visão que concebe à automutilação como um tema complexo que não se restringe apenas à patologia. Em meio prisional, os autores percebem que a supressão da liberdade é, dentre outros fatores, um forte elemento estimulante para a autoagressão, considerando-a também como uma forma de expressão e de afronta às autoridades.

Distintamente, por um viés neuropsicológico, Arcoverde e Soares (2012) realizaram uma revisão integrativa que vislumbra correlações entre a autolesão e funções neuropsíquicas. Os dados encontrados demonstram que o público acometido por esse fenômeno é, em sua maioria de mulheres, adolescentes e adultos jovens com

transtorno mental diagnosticado ou não, conforme explanado nos estudos prévios. Assim, se notou uma vinculação direta nas funções de resolução de problemas e decisão que se encontrava comprometida, não propiciando comportamentos adaptativos; tendência à impulsividade e à realização do ato sem pensar de forma a moderar ganhos e prejuízos; estratégia de regulação emocional com efeitos de curto prazo; maneira de enfrentar o estresse.

Milagres (2006, p. 456) em o *“corpo e automutilação na esquizofrenia”* discute um relato de caso levando a cabo a questão narcísica de Freud e o estágio espelho de Lacan e considerando o corpo como *“(...) uma superfície onde algo se inscreve introduzindo um sinal negativo”*. Cedaro e Nascimento (2013, p. 218) propõem uma concepção psicanalítica, por meio do gozo e do masoquismo, a respeito do tema em entrevistas com mulheres pacientes do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS) e concluem que as automutilações são *“manifestações consequentes de fixações pulsionais a um masoquismo primário e de um Eu deveras frágil para contrapor às demandas de um gozo materno, cujo vínculo não foi totalmente rompido; ou que está submerso a um sadismo superegoico”*. Já Roza e Chiappeta (2007) trazem a autoagressão ligada a uma doença genética de insensibilidade à dor considerando-a com base nos estudos de fonoaudiologia.

Com uma leitura psicanalítica Araújo et al. (2016) buscam discutir a automutilação com os conceitos de pulsão e masoquismo de Freud. Como relatado pelas autoras a automutilação está bastante relacionada a transtorno mentais e no DSM-V seu próprio ato é considerado um transtorno em si. Propõe que dentre os possíveis destinos da pulsão destacados por Freud, a automutilação encaixa-se na via da pulsão que retorna sobre a própria pessoa e, na reflexão sobre o masoquismo de Freud, *“(...) é possível aceitar que algumas pessoas busquem descargas de tensão a partir da dor”* (ARAÚJO, et al., 2016, p. 513).

No artigo de Vieira, Pires e Pires (2016) os participantes que se automutilavam apresentavam como a tristeza como núcleo de motivação para o ato apesar de não explicitar o conteúdo dessa tristeza, sendo que 55% das pessoas (13 pessoas das 20 pesquisadas) relataram sentir alívio depois de se automutilar.

Ainda em um ponto de vista psicanalítico, Fortes e Macedo (2017) discutem a automutilação na adolescência como uma descarga da dor psíquica que, na impossibilidade da presença de um outro para legitimar sua dor, as escarificações funcionam como um modo de organização e alívio desse sofrimento. *“Trata-se muito mais de um ato que visa a encontrar um modo de descarga da dor psíquica do que uma busca que teria a finalidade do prazer ou da autodestruição”*. (FORTES e MACEDO, 2017, p. 365).

Outro estudo demonstra como uma determinada rede social pode ser veículo para a comunicação do sofrimento e do contágio da prática autolesiva. Tal estudo gera a reflexão como a automutilação está interligada a uma dor que encontra barreiras no

mundo concreto para se externalizar. *“Um dos fatores que amplia a rede de postagens é a identificação com o seu conteúdo, além do fato de não existir o julgamento moral do ato de ferir a si mesmo, que comumente ocorre na materialidade”* (OTTO e SANTOS, 2016, p. 283).

Diante desse apanhado da literatura científica acerca do tema, se verifica que a automutilação nas pesquisas brasileiras está associada a alguma patologia cuja interpretação é pautada no saber médico. Salvo artigos vistos por uma ótica psicodinâmica e um por meio da fonoaudiologia, a prevalência do comportamento de autolesão não suicida é de caráter objetivo, biológico e obedece a classificações nosológicas. *“Ao tratarmos a automutilação como um sintoma no âmbito médico ou psiquiátrico, corremos o risco de silenciar o que essas práticas autoagressivas podem estar tentando comunicar”* (Araújo et al., 2016, p. 513-14).

O CORPO NA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY E A AUTOMUTILAÇÃO

Diante do trajeto histórico que permeou diferentes prismas relativos ao corpo, o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) fornece uma visão diferente do seu tempo. Como dito anteriormente, a modernidade foi marcada pela ascensão da razão, desenvolvimento das ciências e a eleição do corpo como máquina. O intelecto se tornou a nobreza humana e Descartes confirma a cisão psicofísica.

Merleau-Ponty (1999) percebe essa transformação do corpo como objeto na modernidade que, como já mencionado, tinha *“status”* de *“res extensa”* cartesiana. Para o pensador em questão, estava havendo um distanciamento entre a experiência vivencial do ser humano e o corpo. Isso se deu principalmente pelo estabelecimento das ciências naturais que explicavam de forma racional e empírica os fenômenos humanos como maquinário que obedece a leis da fisiologia mecanicistas pautadas principalmente na relação estímulo-resposta, tornando, por consequência, o corpo como uma terceira pessoa ou uma representação mentalista.

Com isso, Merleau-Ponty (1999) intenta realizar um resgate do corpo como *“veículo do ser no mundo”* (p. 122), anterior a qualquer explicação conceitual e objetiva, fazendo deste um saber antepredicativo. Nessa visão, acredita-se que o indivíduo discute acerca do corpo por meio de ideias e representações mentalistas e o esquece como a principal experiência perceptiva que auxilia na relação com o mundo e, posteriormente, é capaz de produzir o aprendizado teórico e conceitual. Em suas palavras: *“o ‘psiquismo’ não era então um objeto como os outros: tudo o que se iria dizer dele, ele já o fizera antes que se o dissesse; [...] O psicólogo podia e devia redescobrir uma relação pré-objetiva”* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 141).

Desse modo, para o fenomenólogo francês, o corpo visto como objeto é apenas um ente no meio de vários outros entes (MERLEAU-PONTY, 1999). Algo decomponível, separado do todo, mensurável e explicado pelas ciências naturais. A ideologia transmitida era de que se *“possui”* um corpo e, na fenomenologia merleau-pontyana,

considera-se que o ser humano é o próprio corpo. Por isso, Merleau-Ponty (1999) salienta que o objeto é aquele no qual se pode manter distância e ser visto por diferentes perspectivas, logo, o corpo não é objeto, pois este está enlaçado em nós mesmos e só pode ser observado por outro corpo não observável.

Com isso, uma relação pode ser feita com o viés histórico atrelado a maneira fenomenológica de conceber o corpo. Ao que parece, na automutilação o corpo não é visto como sendo um “Eu” (corpo próprio) e sim como um “Ele” (corpo objeto), na esfera do impessoal. O momento histórico vivido na contemporaneidade favorece essa forma de se relacionar, tendo em vista que o corpo é uma mercadoria, quer dizer, um objeto que pode ser reparado, transformado, concertado e, quiçá, comprado.

As pesquisas brasileiras demonstraram esse fenômeno como integrante de um transtorno ou patologia, confirmando a hegemonia médica-psiquiátrica própria das ciências naturais. Dentro da fenomenologia merleau-pontyana o corpo não é percebido como algo a ser classificado e reduzido, pelo contrário, algo a ser ampliado e compreendido como expressão do Ser. Nessa linha de pensamento, sugere-se que a autolesão é uma expressão do corpo fenomenal que dialoga por meio das próprias cicatrizes que indicam uma relação conflituosa com o mundo. Tais lesões não se encerram em si mesmas. Escondem por trás de si um sofrimento que não encontrou outro modo de se externalizar. Quanto à isso, Merleau-Ponty (1999, p. 136) trata *“O corpo não mais como objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele”*. A questão primordial é: O que aquela pessoa, que é seu próprio corpo, quer nos comunicar?

A psicopatologia fenomenológica de Tatossian coloca que *“A busca do fenômeno está ancorada na noção de experiência e representa um posicionamento ético de sempre considerar o funcionamento do sujeito e permitir a expressão desse sujeito”*. (BLOC e MOREIRA, 2013, p. 37). Por isso que ao sugerir a automutilação como uma tentativa de comunicação e desvelamento do atual momento vivido da relação homem-mundo busca-se levar em consideração cada pessoa em sua realidade singular mais profunda a fim de compreender quais as condições que suscitam a possibilidade de autolesão.

“No exame da relação do humano com seu mundo (e posso dizer na relação com qualquer objeto em particular), interessa é o que se revela de humano e não a objetividade de sua condição” (KARWOWSKI, 2015, p. 72). Não se trata de uma interpretação generalista ou da insinuação de uma causa, mas do alerta para uma atitude que não se restrinja apenas ao modelo hegemônico.

Duas reflexões podem ser retiradas dos apontamentos Karwowski (2015) acerca da para este trabalho: 1) não se deve reificar o fenômeno como existindo por si mesmo e reduzindo sua complexidade. 2) evitar ser levado em uma atitude natural acrítica ou *“com a tendência a tornar natural aquilo que possui significados e representações*

não apenas históricas, mas afim às diversas noções que a sociedade faz de si mesma e do mundo (...)” (KARWOWSKI, 2015, p. 68). No nosso caso, não devemos compreender a automutilação em sua superficialidade ou no “espanto” de como alguém pode cortar a si mesmo ou machucar-se intencionalmente.

Assim, considera-se a psicopatologia fenomenológica como um campo para diálogo como a automutilação tendo em vista que ela pretende uma releitura do que outrora foi considerado de cunho eminentemente “psiquiátrico” e, assim, como fez MerleauPonty propor uma noção diferenciada dos modelos estabelecidos que, muitas vezes, restringem a visão e são considerados como únicos.

Reler os fenômenos psiquiátricos implica, com base no ora exposto, em reconsiderar as noções que constituem a psicopatologia tais como os de alucinação e delírio, mas também as próprias ideias dos transtornos mentais já estabelecidos, como depressão e esquizofrenia naquilo que implicam e revelam a estrutura do ser homem postulada pela fenomenologia, como, por exemplo, o serno-mundo ou o ser-aí, mais do que na correlação conceitual, mas naquilo que podem contribuir para a explicitação do seu sentido na correlação originária homem-mundo (KARWOWSKI, 2015, p.72).

Dessa maneira, acredita-se que há a necessidade de estudos que favoreçam e disseminem outras percepções do corpo como sendo a totalidade concreta e encarnada do Ser (humano), como um “Eu” próprio em movimento de busca do bem estar, habitando o mundo. Em outras palavras, o corpo como a **vanguarda da existência**. Nesse sentido, em uma psicoterapia fenomenológica pode-se implicar que: *“Ocupar-se de psicologia é necessariamente encontrar, abaixo do pensamento objetivo que se move entre as coisas inteiramente prontas, uma primeira abertura às coisas sem a qual não haveria conhecimento objetivo”* (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 142).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, se pode concluir que as pesquisas sobre a autolesão sem intenção suicida no Brasil são escassas e estão inscritas, principalmente, pelo saber médico/psiquiátrico. A contribuição da história demonstra que o corpo é um assunto que permeia antigas discussões e que carrega consigo características construídas de cada época. Destaca-se aqui, o distanciamento que ocorreu entre o homem e seu corpo, exemplificado fundamentalmente pela passagem da pré-história, onde se mantinha uma vivência pré-teórica, sem conhecimentos prévios para embasar a relação mundana, até o afastamento na Idade Média com o corpo silenciado e vítima de preceitos morais, sendo a autoflagelação um reflexo dessa época.

Em contrapartida, Merleau-Ponty (1999) enaltece a busca pela reaproximação com o corpo fenomenal cuja distância continua a existir na contemporaneidade. Dentro dessa ótica, a automutilação se faz como possível situação do corpo objetual, mesmo reconhecendo que esse comportamento é complexo e multifacetado. A idade

contemporânea possui característica já esboçadas que colocam o corpo como uma mercadoria, um objeto considerado algo a parte do todo. A automutilação pode encontrar terreno propício para seu desencadeamento devido essas condições que são bem distintas da apresentada por Merleau-Ponty em *Fenomenologia da Percepção*. Dessa maneira, em uma clínica fenomenológica deve-se evitar uma atitude natural patologizante e criar um ambiente propício para o diálogo outrora silenciado, para o sofrimento fragmentado e impedido de se manifestar. As emoções estancadas devem tornar-se moções fluidas cujo conteúdo manifesto gerem implicações que diminuam a expressão do ser que pode vir como formas de escarificações. Para finalizar, é válido salientar que não é o intuito desse trabalho fornecer explicações das causas de determinado evento, apenas dá vazão a outras maneiras de encarar o fenômeno supracitado além de classificações nosológicas já estabelecidos e buscar uma possível contribuição que impulse novos estudos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABASSE, M. L. F., OLIVEIRA, R. C. de, SILVA, T. C. SOUZA, E. R. de. **Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais**, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 14, n. 2, p. 407-416, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232009000200010>.
- ARAÚJO, J. F. B. CHATELARD, D. S. CARVALHO, I. S. VIANA, T. C. **O corpo na dor: automutilação, masoquismo e pulsão**. *Estilos clin.*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 497-515, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/0.11606/issn.1981-1624.v21i2p497-515>.
- ARCOVERDE, R. L. SOARES, L. S. L. C. **Funções neuropsicológicas associadas a condutas autolesivas: revisão integrativa de literatura**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 25, n. 2, p. 293-300, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/s010279722012000200011>.
- BARBOSA, M. R., MATOS, P. M., & COSTA, M. E. **Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje**. *Psicologia & Sociedade*, v. 23, n. 1, p. 24-34, 2011. <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-71822011000100004>.
- CALDAS, M. T. ARCOVERDE, R. L. SANTOS, T. F. dos. LIMA, M. S. MACEDO, L. E. M. L. LIMA, M. C. **Condutas auto lesivas entre detentas da Colônia Penal Feminina do Recife**. *Psicologia em Estudo*, v. 14, n. 3, p. 575-582, 2009. <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722009000300019>.
- CASSIMIRO, E. S., GALDINO, F. F. S. SÁ, G. M. **As concepções de corpo construídas ao Longo da história ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade**. *Μετάvoia*, v. 14, n. 1, p. 62-79, 2012. Recuperado de: http://www.ufsj.edu.br/portal2repositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf.
- CASTRO, M. G. de. ANDRADE, T. M. R. MULLER, M. C. **Conceito mente e corpo**

através da História. Psicologia em Estudo, v.11, n. 1, p. 39-43, 2006
<http://dx.doi.org/10.1590/s1413-73722006000100005>.

CEDARO, J. J. NASCIMENTO, J. P. G. do. **Dor e Gozo: relatos de mulheres jovens sobre automutilações.** Psicologia Usp, v. 24, n. 2, p. 203-223, 2013.
<http://dx.doi.org/10.1590/s0103-65642013000200002>.

COSTA, V. M. M. **Corpo e história.** Revista ECOS, v. 10, n. 1, p. 24-258, 2011.
 Recuperado de:
http://www.unemat.br/revistas/ecos/docs/v_10/245_Pag_Revista_Ecos_V-10_N01_A-2011.pdf.

DANTAS, J. B. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade.** Estudos e Pesquisas em Psicologia, v. 11, n. 3, p. 898-912, 2011.
<http://dx.doi.org/10.12957/epp.2011.8342>.

DINIZ, B. S. de O. KRELLING, R. **Automutilação de dedos e lábio em paciente esquizofrênico.** Revista de Psiquiatria Clínica, v. 33, n. 5, p. 272-275, 2006.
<http://dx.doi.org/10.1590/s0101-60832006000500008>.

FAVAZZA, A. R. CONTERIO, K. **The plight of chronic self-mutilators.** Community Mental Health Journal, v.24, n. 1, p. 22-30, 1988.
<http://dx.doi.org/10.1007/bf00755050>.

FORTES, I. MACEDO, M. M. K. **Automutilação na adolescência - rasuras na experiência de alteridade.** Psicogente, v. 20 n. 38 p. 353-367, 2017. doi:
<http://doi.org/10.17081/psico.20.38.2556>

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOI, P. D. SCHARLAU, C. T. **Síndrome de Ekbom acompanhada de automutilação.** Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul, v. 29, n. 1, p. 97-99, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-81082007000100017>.

LIMA, D. S. PRIOR, K. UCHIDA, R. BROTTTO, S. GARRIDO, R. TAMAI, S. SANCHES, M. **Mutilação genital e psicose.** Revista de Psiquiatria Clínica, v.32, n. 2, p. 88-90, 2005. <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-60832005000200005>.

MARCONDES, D. **Iniciação à história da filosofia: dos pré-socráticos a Wittgenstein.** 13. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MILAGRES, A. F. **Corpo e automutilação na esquizofrenia**. Revista Latinoamericana Psicopatologia Fundamental, v. 9, n. 3, p. 447-459, 2006. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-47142006003006>.

LAURO NETO. **Prática de automutilação entre adolescentes se disseminam na internet e preocupa pais e escolas**, 2014. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/saude/pratica-de-automutilacao-entreadolescentes-se-dissemina-na-internet-preocupa-pais-escolas-14050535>>. Acesso em: 31 jan. 2018.

NUCCI, M. G. DALGALARRONDO, P. **Automutilação ocular: relato de seis casos de enucleação ocular**. Revista Brasileira de Psiquiatria, v. 22, n. 2, p. 80-86, 2000. <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-44462000000200009>.

KARWOWSKI, S. L. **Por um entendimento do que se chama psicopatologia fenomenológica**. Revista da Abordagem Gestáltica, v. 21, n. 1, p. 62-73, 2015

OTTO, S. C. SANTOS, K. A. **O Tumblr e sua relação com as práticas autodestrutivas: o caráter epidêmico da autolesão**. Psic. Rev., v. 25, n.2, p. 265-288, 2016.

PRADO, R. A. A. CALDAS, M. T. QUEIROZ, E. F. **O corpo em uma perspectiva fenomenológico-existencial: aproximações entre Heidegger e MerleauPonty**. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 32, n. 4, p. 776-791, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-98932012000400002>.

ROZA, R. T. CHIAPPETA, A. L. M. L. **Achados fonoaudiológicos na insensibilidade congênito a dor com anidrose: relato de caso**. Revista Cefac, v. 9, n. 3, p. 367-374, 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/s1516-18462007000300010>.

SOUZA, M. T. SILVA, M. D. CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010. Recuperado de: http://astresmetodologias.com/material/O_que_e_RIL.pdf.

TEIXEIRA, E. H. MENEGUETTE, J. DALGALARRONDO, P. **Matricídio, seguido de canibalismo e automutilação de pênis e mão em paciente esquizofrênico motivado por delírios religiosos**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 61, n. 3, p. 185-188, 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/s0047-20852012000300011>.

THYSSEN, L. S. CAMP, I. V. **Non-Suicidal Self-Injury in Latin America**. Salud Mental, v. 37, n. 2, p. 153-157, 2014. Recuperado de: <http://www.scielo.org.mx/pdf/sm/v37n2/v37n2a9.pdf>.

VIEIRA, M. G. PIRES, M. H. PIRES, O. C. **Automutilação: intensidade dolorosa, fatores desencadeantes e gratificantes.** Rev Dor. São Paulo, v. 17, n. 4, p. 25760, 2016.

NOTAS

Carlos Eduardo Soares Reis – Graduado em Psicologia pela Faculdade Maurício de Nassau, especialista em Psicologia Clínica "humanista, fenomenológica e existencial" pela Universidade de Araraquara - SP. Possui experiência como psicoterapeuta e como psicólogo do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

Endereço para correspondência

Carlos Eduardo Soares Reis
E-mail: reis_phb@hotmail.com

Recebido em: 06/07/2018

Aprovado em: 21/12/2018